

## Da arte de sobreviver.

Perdemos, dizem, a arte de morrer, e estamos perdendo, sem que seja preciso que alguém o diga, a arte do *savoir vivre*. Mas, pelo visto, estamos ainda sobrevivendo. Curioso verbo, este. Sobrevivemos. Ao contrário do verbo "desviver", o qual parece ser privativo do castelhano, o verbo "sobreviver" é empregado por tôdas as línguas do Ocidente. Possivelmente, no entanto, com dois significados incomparáveis. Ou será que a sobrevivência de um naufrágio e a sobrevivência dos mais bem adaptados são duas expressões que procuram articular o mesmo fato? De modo que o glorioso progresso darwiniano, (que é o progresso burgues *tout court* aplicado ao campo da biologia), não passaria da arte de assistir ao enterro dos outros? E a famosa profecia khruchtchoviana que prevê o enterro do capitalismo pela "campo da paz e do socialismo" não passaria de proclamação de fé em tal tipo de progresso? Tais perguntas são, elas próprias, sintomas de determinado clima. De clima no qual a sobrevivência, (e não a vida e a morte propriamente ditas), é o problema. Pois o presente ensaio procurará defender a tese, segundo a qual é esse o clima, (se preferem: o *Zeitgeist*), dentro do qual existimos enquanto indivíduos e sociedade

Se a tese fôr verdade, isto é coisa nôva. Almejamos ser sobreviventes. Nenhuma geração anterior à nossa podia visar meta tão elevada. Faltava-lhe para tanto a necessária tecnologia. Por isto as gerações anteriores se viam obrigadas a visar ideais mais modestos, como a vida plena, a vida eterna, ou a morte boa. Nós, no entanto, dominamos a arte, (ou técnica), da sobrevivência, graças a rins artificiais, geriatria, planos quinquenais, organizações e alianças de defesa. Dominamos a arte de sustar a nossa morte, adia-la às calendas gregas. Podemos bater tôdos os recordes de longevidade. Antoine Artaud articulou tal arte nossa negativamente ao dizer "Não posso viver, não posso morrer, e nós somos tôdos assim". Mas é possível articulá-la positivamente: "Posso não morrer, embora não possa continuar vivendo, e assim é tôda minha sociedade". Grandioso imprevisto este. As gerações anteriores à nossa presumiam, ingenuamente, que a impossibilidade de viver implica necessariamente, a morte. Nós inventamos a arte de sobreviver tôdas as crises, (cardíacas, económicas, da ciência, da fé, do consenso). Coisa nôva. Descobrimos um continente nôvo, o da senilidade permanente, e podemos dizer com Colombo: "Gratias tibi ago, Domine, vidi rem novam". Apenas é um tanto difícil para nós pronunciar a palavra "Senhor" que ocorre na sentença citada. "Senhor" significa "senior", isto é: "o mais velho", e já que somos sobreviventes em potencial, somos tôdos senhores. Uma raça de senhores está surgindo conosco: a dos velhinhos. "Syperhomem" passa a ser sinônimo de sobrevivente. Nietzsche não podia tê-lo previsto, mas as histórias em quadrinhos devem podê-lo.

"Sobreviver", ao contrário de "viver" e "morrer", é verbo que exige objeto, não apenas sujeito. Sobrevivo a algo. Nisto o verbo "sobreviver" é como o verbo "pensar", e se digo "sobrevivo, portanto sou", estou cometendo

erro cartesiano. Como o pensar implica não apenas o pensador, mas também o pensado, o sobreviver implica tanto o sobrevivente quanto o sobrevivido. A fim de sermos sobreviventes, é preciso que outros morram. Do contrário, cairemos em idealismo solipsista. A sobrevivência deve ser vista em tal contexto, tanto a sobrevivência fisiológica, (não ousei dizer "biológica"), quanto a sobrevivência dos valores cristãos, da democracia, do mercado livre, em suma: do Ocidente. Tendemos a esquecer tal contexto, às vezes. Sobreviver é termo relativo; é durar mais que. Mas não implica, necessariamente, concorrência no sentido oitocentista do termo. Não a luta de todos contra todos, com alguns sobreviventes darwinianos. Implica apenas o desaparecimento de outros. Para sobreviver a Fulano, não preciso matá-lo. Basta que eu, mas não ele, disponha de penicilina. Para sobreviver a outras sociedades, o Ocidente não precisa atacá-las. Basta que monopolize penicilinas. É claro: o outro pode não concordar e querer apropriar-se indevidamente da minha penicilina. Não, é claro, afim de sobreviver-me, mas simplesmente para continuar vivendo. Porque o sobrevivente em potencial sou eu, não ele. Destarte surgirá uma "crise". Pois eu disponho, justamente, da arte de sobreviver a ela.

A sobrevivência se dá pois no clima da relatividade, da relação, do comparativo. Ao contrário da vida, que se dá no clima da radicalidade, do absoluto, do superlativo. Quem vive, vive absolutamente só, ou radicalmente com os outros, contra os outros ou para os outros. Quem sobrevive, sobrevive relativamente a outros. Não tem sentido dizer que sobrevive só, ou com, contra ou para os outros. É por isto que o sobrevivente, ao contrário do meramente vivente e mortal, está no além do Bem e do Mal, é Superhomem. Não, no entanto, exatamente no sentido nietzscheano. O sobrevivente não transvaloriza, mas relativiza valores. "Bom", para ele, é sempre "bom para". E ao relativizar valores, não os instrumentaliza. "Bom" não é "bom para algo bom mas "bom para algo bom para algo". A semelhança entre o superhomem-sobrevivente e o nietzscheano é pois apenas aproximativa. O Superhomem-sobrevivente é estruturalista. A arte da sobrevivência se confunde com tecnologia, e a sociedade que está sobrevivendo e vai sobreviver é a tecnocracia. Ou: para sobreviverem à sua crise, técnica e arte se confundem.

Por dar-se a sobrevivência no clima da relatividade, a pergunta: "para quê sobreviver" carece, obviamente de significado. É pergunta ingênua formulada por mero mortal, para quem o significado ou o absurdo da vida é o problema. Para o sobrevivente, o problema do significado desapareceu, ao ter ele sustado a morte, (a qual é a fonte ou a barreira do significado para quem apenas vive). O sobrevivente pode, é verdade, inclinar-se sobre o problema do "significado de "significado"", mas tal problema é formal, não vital, como são, aliás, todos os problemas para sobreviventes. O desaparecimento de problemas vitais, e sua substituição por formais, é o sintoma da morte ter sido sustada. De modo que a questão do significado da sobrevivência pode ser formalmente eliminada. Isto, no entanto, não é dizer que a sobrevivên

a é o seu próprio significado. Se almejo sobreviver, não é porque me decidi para tanto por crer que sobreviver é "por si só importante". É, pelo contrário, por indecisão e por impossibilidade de decidir-me que sobrevivo. Por inércia, portanto. Daí ser a pergunta: "para quê sobreviver?" formulação enganada. No clima da sobrevivência deve ser perguntado em vez: "por quê não me mato?". A única decisão possível para o sobrevivente é a em prol do suicídio e da eutanásia. A sobrevivência está no além do significado e do absurdo, e é apenas o suicídio e a eutanásia que podem fazer o sobrevivente regressar e regredir ao nível kafkiano e camusiano.

Mas se a arte de sobreviver se confunde com tecnologia, o fato de não poder-se perguntar "para quê sobreviver?" torna a situação quase incompreensível. Por certo: sobreviver é arte, é técnica, e o sobrevivente vive artificialmente. Sua respiração é artificial, artificial é sua digestão, seu metabolismo, as funções do seu sistema nervoso. Artificiais são seus pensamentos, suas emoções, seus desejos. Artificiais são as crenças, os valores, os triunfos, as derrotas, as festas e os mitos da sociedade sobrevivente. De modo que sobreviver não é um viver espontâneo, "natural", mas um pseudoviver deliberado. Mas se assim é, se sobreviver é fruto da aplicação de técnicas deliberadas como o é a alimentação intravenosa ou a elaboração de mitos televisionados, como compreender que o sobrevivente sobrevive por não poder decidir-se? Acaso a aplicação de técnicas deliberadas não exige decisão prévia de aplicá-las? E tal decisão não exige por sua vez, acaso, que quem se decidiu o fez em base de escolha entre vários "significados"? Isto é: que quem se decidiu a aplicar técnicas deliberadas para sobreviver, deve ter formulado a pergunta: "para quê sobreviver?" e deve ter respondido? Em outros termos: a artificialidade mesma dos rins artificiais e da sociedade Ocidental atual contradiz, prima facie, a afirmativa ser a sobrevivência produto de inércia, por presumir decisão deliberada.

No entanto: tal contradição é apenas aparente, e a situação é compreensível, afinal das contas. Porque a situação é esta: No curso da chamada "história moderna" foram elaboradas técnicas do tipo "rim artificial" e "comunicação de massa". Tais técnicas foram elaboradas originalmente, não para que o paciente e a sociedade sobrevivam, mas por mortais no decorrer das suas vidas. Agora existem e são disponíveis. E são aplicadas, para que o paciente e a sociedade continuem sobrevivendo. Por inércia, portanto, e não por decisão deliberada. São aplicadas, porque a decisão de desligar o rim e a televisão se tornou impossível. O paciente que opta por desligar o rim e morrer ainda está vivo. Pelo visto, a sociedade Ocidental é incapaz de desligar a televisão, (ou o mercado livre, ou o sistema balístico intercontinental, ou o ensino universitário), e por isto sobrevive. O progresso tecnológico, e económico, e científico, passou a ser inerte. Os que ainda são

azes de decisão, no âmbito da nossa sociedade, são portanto anti-progressistas. O direito à morte, a eutanásia, a regressão ao nível kafkiano e camusiano, é o que tais reacionários almejam. E, curiosamente, tais reacionários passam a ser a "consciência da massa", isto é dos que devem morrer para que a nossa sociedade sobreviva. Porque, ao se recusarem a sobreviver inertemente, abrem brecha para os ainda vivos. Dialéctica negativa?

Mas a contradição inerente à sobrevivência enquanto vida artificial não ficou inteiramente eliminada pela análise precedente. Por certo: os tecnólogos, planejadores, analistas de sistemas e demais artistas da sobrevivência são inertes, e desligar rins artificiais é viver, por ser a decisão para a morte. Persiste, no entanto, a dúvida: desligar rins artificiais será "arte"? Por exemplo: "ars moriendi"? E se assim fôr, não serão os que procuram decidir-se, muito penosamente, por desligar rins, tão artistas e artificiais quanto o são os tecnocratas? A morte "bôa", (eutanásia), não seria, na nossa situação, artemanha tanto quanto a sobrevivência, subterfógio por baixo dos artificios, existentes afinal das contas, os quais permitem sobreviver indefinidamente? De modo que Artaud teria razão ao dizer que não podemos nem viver, nem morrer, e que estamos condenados, por inércia eliminadora de toda decisão, a sobreviver indefinidamente? A progredir afastando indefinidamente os limites do crescimento apontados pelo Clube de Roma? Embora tal crescimento seja o das unhas e dos cabelos em cadáveres tecnicamente "vivos"? A face da contradição que está aqui aparecendo é a inerente ao termo "arte"?

Nenhum recurso à história, (por exemplo: afim de pesquisar os vários significados do termo "arte" no passado), pode contribuir ao esclarecimento da contradição que apareceu. Porque a nossa situação de sobrevivência não tem paralelo histórico: é nova. A arte de sobreviver não existiu no passado. Nossa tecnologia é incomparável com não importa que técnica do passado. Por certo: há semelhanças. A arte de sobreviver, a tecnologia, é o nosso "estilo", como o foram o gótico ou o bizantino. Tudo, em torno de nós e no nosso íntimo, desde os instrumentos mais corriqueiros, (gadgets), até as nossas crenças mais gerais, (ideologias), está marcado por tal estilo. Somos, em todos os detalhes e no conjunto, sobreviventes. Sobreviver é a nossa maneira de estarmos no mundo. Como o catolicismo é a maneira de estar no mundo dos góticos, e a ortodoxia dos bizantinos. Nisto estamos mais próximos deles que dos modernos, os quais careciam de estilo. A tecnologia, a arte de sobreviver, é pois mais comparável à arte gótica que ao Renascimento ou ao barroco. Mas tal semelhança esconde profundas diferenças. A arte de sobreviver ao contrário de todas as artes históricas, é forma passiva, inerte de estar-se no mundo. Senilidade enquanto estilo. A contradição inerente à nossa arte, à tecnologia, é pois historicamente inexplicável.

Seria fácil demais optar pela saída tão comum atualmente de afirmar que nossa arte, (a tecnologia), é anti-arte, que nosso estilo é anti-estilo,

de sobreviver é uma forma de anti-vida. Saida fácil demais, por não resistir a uma análise do prefixo "anti". Tal prefixo assume e falsifica simultaneamente aquilo que nega. O anticapitalismo, anticlericalismo, antimitismo são maneiras de desvirtuar o que negam, mas a tecnologia não desvirtua a arte tradicional, porque não a assume negando. Tecnologia não é anti-arte. Sobreviver não é anti-vida, e tal categoria é inaplicável a ela. Devemos elaborar nossas próprias categorias, se quisermos compreender nossa situação, e não assumir uma história falsificada, ao antepôr-lhe o prefixo na moda. Embora, obviamente, o prefixo "anti" seja sintomático da inércia que nos caracteriza.

A contradição atualmente inerente ao termo "arte", (o qual, para sobreviventes como nós se dá sempre no contexto da tecnologia), parece ser esta: De um lado "arte" é um fazer algo. Do outro lado "arte" é um fazer como se. Embora tal contradição pareça estar inerente a toda e qualquer arte é ela radicalmente nôva. Porque para gerações anteriores à nossa, e para sociedades diferentes da nossa, o fazer algo e o fazer como se eram duas fases complementares da arte. O "artístico" e o "artificial", a "obra de arte" e o "artifício" eram os dois aspectos do "artefato". Isto não é o nosso caso. As nossas pontes não são, como as pontes o foram outrora e o são alhures, os resultados de um fazer como se a estrada continuasse por cima de um rio ao se construir uma obra de arte. São pelo contrário resultados de um fazer como se fazer pontes interessa. Os nossos videotapes não são, como o são quadros pintados outrora e máscaras feitas alhures, resultados de um fazer como se algo se articulasse pela obra e assim defato se realiza. São pelo contrário resultados de um fazer como se fazer videotapes seja articulação de algo. Na nossa situação a "artificialidade" e o "artístico" não se complementam, mas se cancelam mutuamente. Porque a arte de sobreviver, que é o nosso estilo, é a arte de se fazer como se se estivesse vivendo. A tecnologia consiste em fazer algo como se estivesse fazendo algo. E a "arte" no sentido mais restrito, (que é um sentido que está perdendo progressivamente todo sentido), consiste em fazer algo como se estivesse fazendo algo diferente da tecnologia. De modo que na nossa situação "fazer algo" é simplesmente estar sobrevivendo, e "fazer como" é sinônimo de fazer algo. Mas sinônimo que revela, e ao revelar cancela, o essencial do "fazer algo". Existe, no Brasil, expressão que articula bem tal atividade inerte e auto-canceladora: "aumenta o movimento, embora não dê lucro". O que caracteriza a situação da sobrevivência, no entanto, é o fato que a contradição inerente à arte de sobreviver, graças à qual o fazer se cancela continuamente, é progressiva. Com efeito: é tal contradição a qual propela a sociedade sobrevivente a bater sempre novos recordes de crescimento. O progresso científico e técnico, a vertiginosa originalidade de obras, eventos e ideias, a fertilidade deslumbrante da nossa cultura, tudo isto se deve ao fato que estamos fazendo algo para fazer como se estivessemos fazendo algo.

A contradição inerente à arte de sobreviver é negativa no seguinte sentido: ao vivermos como se estivessemos vivendo, estamos constantemente cancelando, reduzindo a zero, toda possibilidade de negação do fato que estamos vivendo. Porque negar que estamos vivendo passa a ser fazer como se estivessemos negando, e é portanto fase do fazer como se estivessemos vivendo. A própria contestação da sobrevivência é fase da arte de sobreviver: uma fazer como se existisse contradição interna positiva. Por isto toda contestação fortalece a sobrevivência, e toda revolução dentro da sociedade sobrevivente fortalece o sistema vigente. Em situação na qual toda fazer algo é um fazer como se, e todo fazer como se é um fazer algo, toda negação é dupla negação, e portanto "construtiva". Contribuí para a sobrevivência daquilo que está a parentemente negando. Por ser a contradição interna da arte de sobreviver dialética negativa, a sociedade sobrevivente se torna progressivamente mais sobrevivente com toda contestação interna. Em tal situação os contestadores e revolucionários são os verdadeiros conservadores. Não apenas os marxistas são atualmente conservadores, mas toda e qualquer tendência negadora, por original que seja, ("revolução sexual", "ambiental", "farmacológica", "parapsicológica", "antipsiquiátrica" etc.), é atualmente conservadora. Faz parte da arte de sobreviver, (da tecnologia), tanto quanto o fazem as tendências aparentemente opostas dos tecnocratas, planejadores, e outros defensores dos valores do Ocidente. Por ser a contradição inerente à sociedade sobrevivente dialética negativa, estamos inertemente condenados a um progresso sempre mais glorioso. Em outros termos: todos os movimentos em nossa sociedade são como se fossem movimentos. Ou: todos os movimentos em nossa sociedade estão acoplados em feed-back. Sobrevivemos ciberneticamente.

Destarte podemos sobreviver indefinidamente. A menos que a contradição externa entre as nossas tendências artificiais e as outras que nos cercam consiga interromper tal círculo excentricamente vicioso. É sumamente difícil prevêr o desfecho de tal contradição externa. Não apenas por razões históricas, (não há paralelo de tal situação no passado), mas também por razões formais, (a arte de sobreviver consiste em tornar interna a contradição externa, "apropriar-se" dela). Os outros que nos cercam e nos negam tanto podem vir a engolir-nos e assim restabelecer a "história", (que é vida e morte), como podem vir a ser engolidos por nossa tecnologia. Mas a negatividade da nossa contradição assume, sob tal prisma, aspecto novo. Porque em ambos os casos a nossa sobrevivência será terminada. No primeiro caso, porque desapareceremos. No segundo, porque não haverá mais outros a serem sobrevividos. "Pós-história" é sinônimo de morte. O saber disto está nos nossos ossos como um surdo baixo contínuo de medo. Embora estejamos sobrevivendo, tal medo vibra por baixo do nosso progresso. A arte de sobreviver é a capa do medo. Somos inertes medrosos. Graças a esse medo sobreviver não é "desviver", não é anti-vida, mas uma forma de viver, afinal das contas.